

O CRAVO E A ROSA ENCOSTADOS EM UM POSTE

Maria Neuma M. Paes¹
Mônica Maria A. dos Santos²

RESUMO: *Este trabalho mostra o significado da palavra “cravo” tanto do ponto de vista lexical dicionarizada, passando por sua etimologia, para chegar ao seu significado, metaforizado; quanto do ponto de vista semântico discursivo que nos permitiu identificar os efeitos de sentidos funcionando no conto “O cravo” de Helena Parente Cunha.*

Palavras-chave: Léxico. Semântica cognitiva. Discurso.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O léxico de uma língua é sistema aberto que não cessa de se expandir. Daí a dificuldade de se apreender o significado de uma palavra na sua totalidade. Além disso, para que uma sentença tenha um significado lógico, torna-se necessário estabelecer uma relação unívoca entre o significado e o sentido. Deve-se considerar a relação que se estabelece no nível da semântica discursiva, em que, muitas vezes, o significado encontra-se metaforizado no léxico, produzindo efeitos de sentido.

Este trabalho procura fazer uma análise dos procedimentos semânticos e discursivos do conto *O cravo* de Helena Parente Cunha. Para isso, partimos do estudo do significado da palavra “cravo”, na perspectiva lexical-dicionarizada e etimológica, para desvendarmos suas diferentes acepções observadas numa relação de homonímia (coincidência entre significantes de palavras com significados distintos). Em seguida, verificamos as linhas de investigações que seguiram a orientação lógica formal que se aplicaram à interpretação semântica das sentenças. Mas como nosso objeto de estudo trata-se de um texto, essas abordagens foram tomadas, simplesmente, para reforçar nossos argumentos de que a análise de um texto não pode ser feita de maneira descontextualizada, no nível do léxico ou da sentença. Os significados e sentidos de um texto devem ser apreendidos na textualidade.

Para atingirmos o objetivo pretendido, seguimos os caminhos oferecidos pela semântica cognitiva, na qual a construção do significado se dá a partir de estruturas conceituais convencionalizadas. As categorias mentais das pessoas, nesta perspectiva, são formadas a partir de sua experiência de crescer e agir no mundo. Embora exista um número variado de estruturas conceituais e processos, a metáfora é considerada um elemento essencial para a categorização do mundo e dos processos mentais. Contudo, para a realização deste trabalho, nos parâmetros pretendidos, fez-se necessária a utilização do conceito de metáfora numa perspectiva interdisciplinar: na língua, no texto e no discurso. Diante deste panorama, é que procuramos entender o significado da palavra “cravo”, funcionando nas sentenças do conto acima referenciado e transcrito mais adiante.

¹ Professora da Faculdade de educação da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA (Doutorado). Orientada pelo Prof. Dr. João Antônio de Santana Neto. E-mail: neumapaes@terra.com.br.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Mestrado). Orientada pela Prof. Dra. Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira. E-mail: mmlipe@bol.com.br.

2. A TEORIA

Para tanto consideramos necessário, antes do desenvolvimento da análise, a apresentação de algumas abordagens semânticas, levando-se em consideração as várias formas de descrever o significado das palavras e das sentenças. Partimos da Semântica Formal, não só por anteceder as demais, mas também por se constituir como um referencial teórico, um ponto de partida dos enfoques que a sucederam. Na sequência, procura-se entender o funcionamento da Semântica da Enunciação e sua relação com a pragmática. Por último, verificamos a Semântica Cognitiva, associando-a a uma abordagem discursiva. Para isso, deslocamos a oposição entre língua e fala proposta por Saussure (na qual ele considera a língua como um fato social, operando em um sistema homogêneo) para uma relação de articulação entre língua e discurso, em que a língua continua sendo um fato social, mas funcionando, agora, como um sistema heterogêneo, em que o discurso vincula-se a uma prática histórica e ideológica. Nessa perspectiva, a língua está sujeita às falhas, aos equívocos, a deslizos e a transformações. Valemos-nos, também, de alguns procedimentos da Lingüística Textual como mecanismos que nos permitirão compreender o texto na sua textualidade, a partir de sua estrutura.

Para a Semântica Formal, o significado deve ser entendido levando-se em consideração a relação complexa que se estabelece entre o sentido³ e a referência⁴. Enquanto, o sentido das expressões de uma sentença ocorre na relação da linguagem com o mundo; a significação relaciona-se ao conceito de verdade, no sentido lógico, a partir de uma referência, que se situa exterior à linguagem. Para tornar mais clara a questão, tomamos a seguir o seguinte exemplo:

- (1) O cravo vermelho;
- (2) O cravo branco;

As sentenças (1,2) têm uma referência (a saber, cravo, a flor do craveiro) e sentidos diferentes, porque temos dois contextos distintos, correspondentes a cada enunciado (vermelho/branco), temos apenas uma condição de verdade (cravo, a flor do craveiro, é a mesma nos dois contextos).

Já a Semântica da Enunciação e a Pragmática tomam como unidade de análise o enunciado. O sentido é constituído na relação que se estabelece entre aquele que fala e aquele para quem se fala, já que não se fala sobre o mundo, fala-se para construir um mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade que é criada pela e nas interlocuções do indivíduo. Eduardo Guimarães (2006. p. 123) considera que a diferença existente entre elas consiste na abordagem em relação ao sujeito, ou seja, enquanto a semântica da enunciação considera o sujeito que enuncia numa perspectiva lingüística, a pragmática toma-o psicologicamente. Para visualizar melhor a questão vejamos o exemplo a seguir:

- (3) O cravo vermelho é perfumado

- podemos considerar que no exemplo (3) temos:

- a) o nome “cravo” que, enquanto tal, é nome de uma flor;

³ O sentido na perspectiva de Frege encontra-se relacionado a dois princípios: de “contextualidade” e “vericondicionalidade”. O primeiro, refere-se ao contexto lingüístico, o sentido das palavras deve ser apreendido na frase onde elas figuram; o segundo, o sentido das frases depende da noção de condições de verdade.

⁴ Esta noção credita-se a Frege. “Para ele a referência é o próprio objeto de que se fala por meio de uma expressão lingüística” (ARMENGAUD, 2006, p. 33).

b) uma outra expressão, iniciada com o verbo ser, que, em virtude desta estrutura, envolve em português o fato de vir depois da palavra “cravo”, predica algo de (diz algo sobre) cravo. Predica que ele tem uma qualidade no campo lingüístico: “perfumado”.

Ao se considerar os aspectos de (a) e (b), tem-se uma sentença da língua (vista na perspectiva da semântica formal). Mas ao se considerar que esta expressão lingüística foi proferida por alguém, deve-se considerar a relação daquele que fala, com aquele ao qual se atribui a realização da expressão lingüística. Dito de outra forma deverá trazer as marcas do ato enunciativo, os dêiticos, elementos lingüísticos que indiquem o lugar ou o tempo em que um enunciado é produzido, ou então, os participantes de uma situação de uma produção do enunciado. Esta relação se dá no que tem sido chamado de enunciação. E o elemento, o sujeito, é concernido na constituição do sentido.

Cabe esclarecer que tomamos a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a Pragmática, apenas, para estabelecer a diferença com os caminhos que seguimos na identificação dos significados e sentidos na análise do conto “O cravo” de Helena Parente Cunha, e, ao mesmo tempo, fortalecer nossos argumentos em torno da escolha de uma perspectiva mais discursiva, sem deixar de considerar a estrutura da língua.

A Semântica Cognitiva que servirá de base para o desenvolvimento desse trabalho, centra-se na significação e entende que o significado emerge de dentro para fora. É a partir da construção dos significados que aprendemos, inclusive, como funciona a lógica e a linguagem. Não toma, portanto, como ponto de partida a referência. Entre os mecanismos eleitos pela Semântica Cognitiva encontra-se o estudo da significação, visto em duas perspectivas, a metáfora e a metonímia. A metáfora é compreendida como um conjunto de correspondências matemáticas que se estabelece entre um domínio da experiência e outro domínio. Segundo Márcia Cançado (2005, p. 99), é preciso considerar dois conceitos fundamentais associadas à metáfora: o domínio da fonte e o domínio do alvo. O primeiro está relacionado à comparação ou a analogia (o veículo), o segundo, aos argumentos (o teor). A metáfora, então, permite a transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre os dois domínios conceituais, ou seja, ela resulta da associação de um processo cognitivo com o mecanismo da analogia, Gonçalves (2007, p. 48). A metonímia, ao contrário, não é uma associação mental, ela ocorre no texto, portanto é contextual. Ela tem, pois, uma função referencial que permite usar uma entidade em substituição à outra, como em *um quadro pintado por Picasso > um Picasso*.

Da Lingüística Textual, tomamos algumas estratégias de processamento do texto, as quais nos permitem verificar a materialização formal das categorias de significação e da interação pragmática das palavras no texto. Partimos dos princípios de parcimônia, que modulam e guiam os comportamentos automáticos, ou seja, que determinam as regras de recorrência e continuidade temática. Além disso, consideramos os princípios que regem as estratégias cognitivas, relacionadas à ordem natural do mundo (regra de linearidade, de distância mínima, da não contradição, de relevância). Tendo em vista que esses princípios possibilitam o funcionamento das estratégias cognitivas que se estruturam primeiro a nível local, depois, entre períodos e parágrafos. Todos eles associados aos elementos que funcionam na marcação, ou seja, na organização das estruturas abstratas que são materializadas no texto.

3. A ANÁLISE

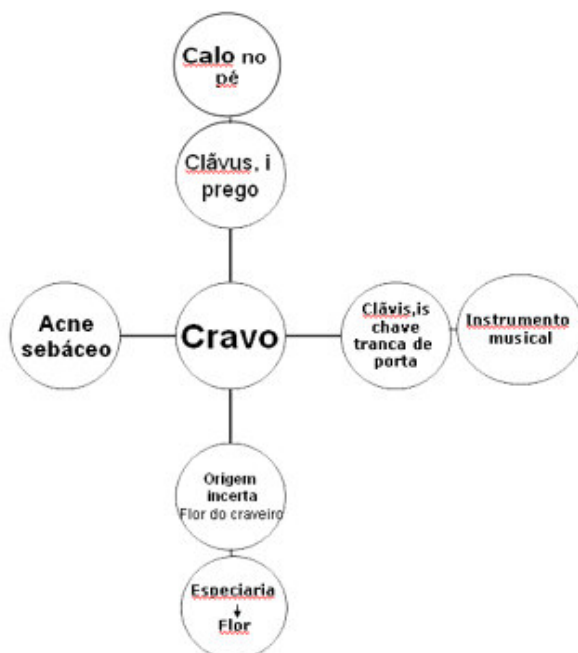
O *corpus* a ser analisado trata-se do conto *O cravo* de Helena Parente Cunha, abaixo transcrito:

O cravo

Ele encostado no poste, ela encostada nele, em frente a frente, muito atendida, o olhar estabelecido, as mãos confluídas no afã de tirar um cravo do queixo dele, olhando, adequando, se encostando mais entre as pernas dele, para eficaz, espremer o cravo do queixo, o cravo não sai, ela se afinha, se aplica mais, o cravo não sai, não, não vem para fora, o cravo, ah, o cravo.

Iniciamos a análise a partir da afirmação de Saussure (2006): “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que *é o ponto de vista que cria o objeto...*”. Nessa ordem, tendo como “ponto de vista” a semântica cognitiva, numa perspectiva discursiva, foi que tomamos o conto “o cravo” como objeto de estudo. Mas, para isso, evocamos todo nosso conhecimento prévio sobre a língua, sobre a estrutura textual, sobre nosso conhecimento acerca do tema central do conto, “o cravo”, seus usos e a que hábitos esse lexema está associado.

Recorremos, primeiramente, à sua etimologia (Cunha, 1996)⁵ e se acrescentou, posteriormente, as diferentes acepções do léxico encontradas em Houaiss (2001)⁶, como pode ser verificado no esquema abaixo.



Tendo em vista os conceitos apresentados e o esquema acima, observamos que o sentido do lexema passa por transformações e ao ser empregado em determinados contextos, passam a incorporar traços semânticos distintivos, que se materializam e fazem com que o lexema adquira outros significados, que vai estar de acordo com o contexto em que ele é empregado. Mas isso não implica o abandono completo das acepções dicionarizadas, significa sua transformação parcial, no interior de limites aceitos intersubjetivamente pelos falantes da língua focalizada.

Diante disso, devemos pontuar que, na visão da semântica cognitiva, o indivíduo pensa metaforicamente; e este pensamento se reflete na linguagem. A cognição é, então, o resultado de uma construção mental. Para que isso aconteça, o conhecimento da realidade precisa ir além da informação dada. Ele deve emergir da interação da informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor.

⁵ Anexo I

⁶ Anexo I

Partindo deste princípio, verificamos que o próprio gênero literário, conto, utilizado pela autora funciona como uma peça deste jogo de significados. Até porque, para alguns teóricos da literatura, no início de um conto, o autor sempre fornece pistas que servirão para o desenlace da questão abordada, ou seja, a confirmação, no desfecho, do que o autor pretendeu transmitir. Além disso, a significação de um conto encontra-se relacionada às idéias de intensidade e tensão, ou seja, às técnicas empregadas para desenvolver o tema.

Diante desta visão, verificamos que, no conto em análise, o lexema “cravo” extrapola os sentidos que habitualmente são apresentados por ele no cotidiano. Para a compreensão do sentido, ali presente, não devemos nos limitar aos conceitos apresentados no dicionário; devemos, sim, recorrer a outros domínios básicos de experiência do leitor, já que a construção do sentido se faz com base nas experiências e no conhecimento de mundo do indivíduo. A constatação de que o lexema “cravo”, muito recorrente como tema de cantos populares⁷ e até mesmo de novela⁸, representa o enlace entre enamorados, leva o leitor, no desencadear das informações contidas no conto, a suspeitar de que há algo a mais funcionando no dizer, que vai além do significado imediato, que nos remete à compreensão de que se trata da extração de um folículo sebáceo. Há um caráter intencional do dizer que irá construir um outro sentido. O leitor deve, então, estar atento aos efeitos de sentidos que realmente o enunciado produz que podem não estar diretamente explícitos, obrigando-o a recorrer a mecanismos que funcionam no plano abstrato e o permite fazer inferências, que podem ser comprovadas ou não.

Notamos, neste contexto, algumas instâncias de ambigüidades necessárias para a realização da análise na ótica da semântica cognitiva, quando verificamos o texto a partir de sua estrutura Lingüística. O pronome pessoal “ele” está funcionando no conto como uma referência anafórica endofórica, ou seja, retoma o antecedente lingüístico “cravo”, marcado e determinado, desde já, no texto pelo artigo indefinido “o” como algo já conhecido. Já o pronome pessoal “ela”, por sua vez, recorre ao contexto extra-lingüístico (processo referencial exofórico) para sugerir “a rosa”. Essas inferências são feitas com base em um conhecimento interdiscursivo, cuja regularidade permite que se observem em outros textos os discursos que falam do enlace entre o cravo e a rosa (Anexo II). Entretanto, tendo em vista a ambigüidade do pronome pessoal “ele” podemos buscar sua referência tanto em um antecedente lingüístico (endofórico) como no contexto extra-lingüístico (exofórico). Nesse caso, “ele” será alguém de sexo masculino, cuja presença não está evidente no conto; funcionando como instrumentos de imagem, cujos movimentos serão utilizados para mapear um momento íntimo entre dois personagens. Ao evocar tal imagem para inferir a relação amorosa entre um casal de enamorados, entende-se que a autora estará valendo-se do domínio racional e lógico, ou seja, a imagem mental do cravo e da rosa para mapear outra, em nível conceitual e metafórico.

Dito de outra forma, a autora toma como fonte um domínio discursivo metaforizado sobre o cravo e a rosa, já cristalizado, no qual o cravo e a rosa representam o enlace entre dois enamorados, para, assim, atingir o seu alvo, assumindo com seus argumentos uma postura ideologicamente marcada de superioridade da rosa em relação ao cravo.

Para afirmar esta idéia, a autora vale-se de certas nuances como o uso do gerúndio, que nos dá a impressão de uma ação continuada e, ao mesmo tempo, ambígua e vaga, necessária à construção do sentido do lexema “cravo” no conto, marcando, dessa forma, o ápice de um momento extremamente excitante entre dois enamorados: “olhando, adequando, se encostando mais entre as pernas dele”. Encontra-se elíptico, nessa construção verbal, o verbo ir (que marca futuro), isso permite dizer que o gerúndio expressa um evento que não é instantâneo, deixando-o inacabado, porque “o cravo não sai”.

⁷ Anexo II

⁸ O cravo e a rosa uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo no período de 2000 a 2001. Escrita por Walcyr Carrasco e Mário Teixeira, dirigida por Walter Avancini.

Nota-se também que, no título do conto, o lexema “cravo” aparece precedido do artigo definido “o” que, com seu valor demonstrativo extremamente atenuado⁹, serve para indicar que será trabalhado no conto algo determinado, conhecido, familiar, o cravo que está sempre acompanhado da rosa.

Em seguida, nos primeiros desenlaces do conto, a autora retoma o lexema “cravo” assinalando um caráter indefinido, apresentando-o precedido do artigo indefinido “um”, estabelecendo, assim, um traço de indeterminação no lexema “cravo”. Portanto, o sentido agora é outro, não se trata mais do sentido anteriormente atribuído ao lexema “cravo”, que aparece no início do conto para ocupar o lugar reservado aos personagens do conto. Atribui-se a “um cravo” algo vago, obscuro, incerto, talvez um folículo sebáceo. Mais adiante, a autora restabelece o lexema “cravo” como algo determinado, precedido pelo artigo definido “o”, demonstrando que a partir daí trata-se de um elemento já conhecido, e o antecedente mais próximo é o folículo sebáceo funcionando sob efeito metafórico ou não.

Percebe-se que, no conto, os sentidos de “cravo” não são equivalentes, e que o seu sentido dependerá, também, da forma como ele é interpretado e codificado gramaticalmente. Pode-se dizer, então, que os artigos influenciam na compreensão do sentido do lexema “cravo”, tendo em vista que o que determina a sua presença no conto é a intenção da autora e o modo como ela quer comunicar esta experiência.

A interjeição “ah”, neste contexto, está refletindo o caráter exclusivamente emotivo dos indivíduos no conto, expressando decepção, desapontamento por uma expectativa criada, mas não alcançada. Isto nos leva a associá-la a um conceito metafórico, nomeado por George Lakoff e Mark Johnson (2002) como metáforas orientacionais (FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO), uma vez que há correlações sistemáticas entre nossas emoções e nossas experiências sensoriais e motoras. Este desapontamento pode ser relacionado, então, à orientação espacial do tipo para cima/para baixo; já que, partimos de uma base física e cultural, postura caída corresponde à tristeza e depressão, postura ereta corresponde a um estado emocional positivo.

No que diz respeito ao sentido, recorremos à Análise de Discurso, tendo em vista que é através da língua que o discurso é posto em funcionamento, constituindo sentido. Dito de outra forma, o léxico enquanto objeto lingüístico é afetado pelos processos históricos de significação e passa a produzir sentido. Assim, na articulação com o discurso, as palavras podem ter sentidos diferentes, conforme as posições sustentadas pelos sujeitos. De modo que, ao articular léxico e discurso, devemos considerar a ligação com a história, que nos permite observar no léxico os efeitos dessa historicidade, ou seja, a produção de acontecimentos que significam na maneira como o lexema “cravo” está relacionado ao namoro, ao amor. O interdiscurso, memória do saber, fornece subsídios para se refletir sobre as transformações desse lexema.

A partir da memória lexical e dicionarística de “cravo”, esquematizada acima, observamos que o lexema “cravo” apresenta uma diversidade de sememas que se constituiu ao longo da história. Diante destas acepções, constatou-se que o lexema “cravo” partilha no conto dois significados distintos. Por um lado, trata-se de um tema muito recorrente nos cantos populares do Brasil, denotando ‘uma relação amorosa, afetiva’, como nos exemplos descritos no anexo II recolhidos por Sílvia Romero (1985); foi usado, também, com o mesmo sentido num tema de novela “O cravo e a rosa”. A presença da “rosa”, no conto, pode ser confirmada através do pronome “ela” “ela encostada nele”. Com base nestas informações, o indivíduo é capaz de compreender o sentido do lexema “cravo” metaforizado neste contexto. Isto mostra que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo, ou seja, entre o interdiscurso, que funciona como

⁹ De acordo com Mattos e Silva (2006), foi de um demonstrativo que saiu o artigo nas línguas românicas, o demonstrativo “ille”, na sua forma acusativa, sem intento de localização no espaço, passou a ser usado diante de um nome substantivo para opor o indivíduo definitivamente visualizado a qualquer outro da mesma espécie.

a constituição do sentido, e o intradiscurso, que seria a formulação desse sentido, neste caso, aquilo que está sendo dito num determinado momento.

5. CONCLUSÃO

A leitura do conto *O cravo* procurou verificar os sentidos materializados no texto, de forma implícita e explícita. Fez-se um mapeamento das imagens do cravo e da rosa, levando-se em consideração a intediscursividade que se estabelece no domínio do saber da formação discursiva sobre o cravo e a rosa.

Verificou-se também que o lexema “cravo” apresenta sentidos distintos, os quais foram identificados a partir da inserção dos pronomes definidos e indefinidos, que antecedem o lexema “cravo” e suas retomadas. De modo que, ora trata de elementos que inferimos como sendo personagens, ora refere-se a algo que se encontra metaforizado sob o efeito de um cisto sebáceo.

Ademais se observou, no conto, a postura ideológica da autora quando inverte a situação, deslocando o papel passivo do elemento feminino (ela, a rosa) para uma posição ativa, que antes era ocupada pelo masculino (ele, o cravo). De modo que o elemento feminino “se afinca, se aplica mais, o cravo não sai, não, não vem para fora, o cravo, ah, o cravo”.

O método utilizado centrou-se entre a descrição e a interpretação dos elementos lingüísticos. A descrição valeu-se de mecanismos lingüísticos com base no texto, e a interpretação considerou a experiência cultural, em que a “realidade” é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Como a maior parte das informações do texto encontra-se implícita, as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto extra-lingüístico, constrói novas representações mentais e estabelece uma ponte entre informação explícita e informação não explicitada no texto, facilitando a compreensão do conto. Enfim, buscou-se realizar uma análise semântica, sob a ótica da teoria cognitiva, mostrando que o conhecimento da “realidade”, tendo ele sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada. Ele emerge da interação dessa informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e acresc. de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística (dizer e não dizer)**. São Paulo: Cutrix, 1977.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2001.

LAKOFF, G. & JOHNSON, L. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2002.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo. ZOPPI-FONTANA, Mônica (Orgs). **A palavra e a frase**. Pontes: Campinas, 2006.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda. BENTES, Ana Christina (orgs). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004.

ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

PARENTE-CUNHA, Helena. O cravo. In: **Cem mentiras de verdade – contos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ANEXO I

Acepções encontradas no dicionário etimológico de Cunha (1996):

cravo¹ sm. ‘prego’, ‘calo doloroso e aprofundado na planta do pé, como um cone’ 1873, do latim *clāvus* –i (.....), *clavo* XIV.

cravo² sm. ‘instrumento de cordas e teclado, predecessor do piano’, derivado do latim *clāvis* –is ‘chave’.

cravo³ sm. ‘a flor do craveiro, planta glauca, de caule reto, da família das cariofiláceas’ XVI, de origem incerta.

Acepções encontradas em Houaiss (2001):

[cravo *s.m.*(sXIII cf,IVPM) **1**. ANGIOS flor do craveiro (*Dianthus caryophyllus*) **2**. ANGIOS m.q. CRAVEIRO (*Dianthus caryophyllus*) **3**. botão do craveiro-da-índia, seco ao sol, mundialmente us. Como condimento e de que se extrai o óleo de cravo, rico em eugenol (tb. Extraído do pedúnculo floral, com propriedade medicinais e usos em perfumaria, farmácia e odontologias; africana, cravinho, cravo-aromático, cravo cabecinha, cravo giroflê, giroflê **4**. *p. ana*. Prego quadrangular de ferradura **5**. *p. ana*. HIST. Prego com que se fixavam os pés e as mãos dos supliciados à cruz ou ao potro **6**. chapéu de sol ou de chuva **7** *fig.infrm*. mau negócio, logro **8** *fig.infrm*. pessoa nociva ou incômoda; sujeito desagradável **9** *P infrm*. m.q. CARVOEIRO (‘indivíduo’) **10** (1712) *p. ana*. DERM *infrm*. calo aprofundado, doloroso que possui a forma de cone e se localiza na planta do pé **11**(1712) DERM B obstrução do folículo pilossebáceo devida à disposição de resíduos epiteliais e de poeira, e que aparece à vista como um ponto

negro na pele, comedão **12** MONT espécie de gancho de ferro, chumbado em parede rochosa a prumo, para permitir a ascensão Poe ela **13** VET tumor das cavalgaduras [...] ETIM lat. *clavu(s)*, i'prego, cravo', é fonte do it. *chiodo e chiovo*, fr. *clou*, prov. cat. *clau*, esp. *clavo*, port. *cravo* (doc.1136 sob a dibr. *clavos* pl.); ao mesmo voc. *cravo* prendem-se, além dos sentidos metafóricos pelo formato 'calo, espinha, acne sebáceo', os sentidos de 'flor/planta' de semente aromática da Índia; *cravo* 'flor/planta', por sua vez, parece ser posterior a *cravo* 'especiaria' (inequivocamente doc. em Camões (1572, Lus. II,4), vindo a fixar-se em forma distintiva como *cravo-da-índia*, a partir de quando *cravo* 'flor' se torna pop.; Corominas, s.v. *clavo*, refere *clavel* como de 1555 para a especiaria e de 1582 para a flor, invocando o cat. *clavell* (1460) 'flor'. "llamada así por su olor análogo al del *clavell* 'clavo de especia', acepción que a su vez procede del cat. ant. *lclavell* (sXIII) 'clavo de clavar', por comparación de forma"; no port., tem-se que *cravo* como 'cravo de cravar', p. ana. de forma, deu nome ao *cravo[-da-índia]*, e este, por seu aroma, deu o nome ao *cravo* 'flor/planta' (cf. 2 *cravo* 'instrumento musical', para obs. sobre orig.contrv. e diferentes étimos); ver 3 *clav(i)-*; f.hist.sXIII *cravo*, sXV *clauo* 'prego', 1570 *cravo* 'flor do cravo' [...]

Houaiss (2001) registra, ainda, as seguintes variações:

cravo-aromático; cravo barbudo; cravo-bordado; cravo bravo; cravo-cabecinha; cravo-da-árvore; cravo-da-ba-esperança; cravo-da-carolina; cravo-da-índia; cravo-da-mata; cravo-da-roça; cravo-da-terra; cravo-da-terra-de-minas; cravo-da-terra-de-são-paulo; cravo-da-terra-do-rio-dejaneiro; cravo-de-amor; cravo-de-bastão; cravo-de-bouba; cravo-de-cabeça; cravo-de-cabecinha; cravo-de-defunto; cravo-de-esperança; cravo-de-montpellier; cravo-de-pau; cravo-de-poeta; cravo-de-seara; cravo-de-túnis; cravo-de-urubu; cravo-do-campo; cravo-do-maranhão; cravo-do-mato; cravo-do-monte; cravo-encarnado; cravo-fétido-da-índia; cravo-franjado; cravo-giroflê, entre outros. (HOUAISS. 2001, p.862-863).

ANEXO II

ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985.

(1) Meu cravo, meu diamante

Meu cravo, meu diamante,
Meu Relógio, meu cordão,
Tu foste a primeira chave
Que abriu meu coração.

(2) O cravo

Lágrimas são qu'eu almoço,
Janto suspiros e dor;
Á tarde merendo ais,
De noite ausências de amor.

Cravo, eu não sei como vivo,
Como trago meu sentido;
Em matar tua ausência
Trago o juiz perdido.

Adeus, m querido das flores,
Adeus das flores querido,
Não te trato pelo nome
Para não ser conhecido.

(3) O cravo branco

Cravo branco, luz do dia,
Jasmim de minha alegria,
Quem me dera morar perto
Pra te ver todo o dia.

O cravo do meu craveiro
Quando me vê esmorece;
Quem de meu corpo não trata
De meu amor não carece.

Quem tem cravo na janela
É certo que quer vender;
Quem tem seu amor defronte
A cada passo quer ver.

Botei o cravo na telha
Para Maria cheirar;
Maria não foi ingrata...
Deixou o cravo murchar.

Botei terra na algibeira
Para plantar cravo roxo
Para nunca me esquecer
Das feições deste teu rosto.

O meu pé de craveiro
Bota cravos diferentes;
Não te mostro mais agrado,
Mode a língua desta gente.

(4) Cravo e a rosa

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
Anda o cravo em demanda,
Porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou co'a rosa
Debaixo de uma sacada;
O cravo saiu ferido,
E a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva o palácio do rei;
Viva o primeiro amor
Que nesta terra tomei!

O cravo caiu doente,
A rosa o foi visitar;
O cravo deu um desmaio,
A rosa pôs-se a chorar.

(5) Cravo roxo desidério

Cravo roxo desidério,
Pintadinho de amarelo,
Abre a fulor de meu peito,
Vigia o bem qu'eu te quero.

Cravo roxo desidério,
Encostado à penitência,
Sou amada e sou querida
Em quanto estou na presença.
[...]

Estes botões, que aí vão,
Todos dois vão por abrir,
Um vai cheio de saudades,
Outro para divertir.

(6) Cravo branco é procurado

Cravo branco é procurado
Pelo cheiro que ele tem;
Quem tem amor tem ciúmes,
Quem tem ciúmes quer bem.
[...]

Fui na fonte das pedrinhas,
Fui formar a minha queixa;
As pedras me responderam:
Amor firme não se deixa.

(7) Quero bem ao pé de cravo

Quero bem ao pé de cravo
Por nascer no meu terreiro,
Quero bem a Mariquinha
Por ser meu amor primeiro.
[...]

O menino pequenino
Tem coração de serpente;
Quando é pequeno chora,
Quando cresce mata a gente.